



casa  
**nobre**  
um património  
para o futuro

## **ACTAS**

**TOMO II**

**Património**

**Turismo e Desenvolvimento Regional**

27 a 29 de novembro de 2014

**casa das artes**

arcos de valdevez



**Ficha Técnica**

Título:

**Actas do 4.º Congresso Internacional  
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

**Município de Arcos de Valdevez**

Data:

**Novembro de 2017**

ISBN:

**978-972-9136-83-2**

## **Património: Estudos, Defesa e Valorização**



# O PALACETE DE ANTÓNIO ALMEIDA DA COSTA

JOSÉ FRANCISCO FERREIRA QUEIROZ

CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade \*  
E-mail: [correio@franciscoqueiroz.com](mailto:correio@franciscoqueiroz.com)

CATARINA SOUSA COUTO SOARES

CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade  
E-mail: [catarina.scs2@gmail.com](mailto:catarina.scs2@gmail.com)

## Resumo

Na passagem do século XIX para o século XX, diversos empreendedores que fizeram fortuna à custa do investimento na indústria trataram de mandar erguer casas faustosas, nas quais os modelos tradicionais da casa nobre apenas em parte foram adoptados. Nesta época de viragem, o recurso à casa de habitação como forma de emulação, passava já por novas soluções arquitectónicas. Ora, um dos edifícios mais singulares e marcantes desta época é o palacete de António Almeida da Costa, em Vila Nova de Gaia. Nesta comunicação, fazemos uma primeira abordagem à sua história, aos seus aspectos arquitectónicos e decorativos, enquadrando-o no contexto dos palacetes de industriais recém-enriquecidos que então se edificavam em Portugal.

*Palavras-chave:* palacete, António Almeida da Costa, Fábrica de Cerâmica das Devesas, neo-árabe, Vila Nova de Gaia

## INTRODUÇÃO

Natural de Alcabideche, nos arredores de Lisboa, António Almeida da Costa (1832-1915) instalou-se no Porto como canteiro de mármore, provavelmente no início da década de 1850. Em 1858, abriu oficina própria e, em meados da década seguinte, arriscou um negócio de produção de cal, fabricada no sítio das Devesas, em Vila Nova de Gaia. Pouco tempo depois, optou por transformar esse negócio numa fábrica de artefactos cerâmicos, com a colaboração artística de José Joaquim Teixeira Lopes, que com ele já havia colaborado, como modelador, na oficina de mármore. Em 1870, a Fábrica de Cerâmica das Devesas confinava-se ao que é hoje o chamado quarteirão norte e, em 1874, António Almeida da Costa, José Joaquim Teixeira Lopes e Feliciano Rodrigues da Rocha (conterrâneo de António Almeida da Costa, canteiro e seu antigo colaborador), firmaram a constituição de uma sociedade, à qual competia dirigir, quer o estabelecimento fabril cerâmico nas Devesas, quer a oficina de mármore no Porto. Em 1880, há

---

\* Francisco Queiroz é doutor em História da Arte pela Universidade do Porto. Catarina Soares é mestranda em História da Arte Portuguesa na Universidade do Porto. O texto baseia-se no contributo de Francisco Queiroz sobre a Fábrica de Cerâmica das Devesas para a ficha de inventário 00402 do Repertório Fotográfico e Documental da Cerâmica Arquitectónica Portuguesa, do Instituto de Promoción Cerámica (Castellón, Espanha). A elaboração dessa ficha contou também com a colaboração de Ana Margarida Portela Domingues, Rosário Salema de Carvalho, Isabel Pires e Isabel Moura Ferreira, a quem agradecemos. Agradecemos ainda à Misericórdia de Gaia, pelas facilidades concedidas. Todas as ilustrações são de Francisco Queiroz, tendo algumas sido feitas originalmente para o Instituto de Promoción Cerámica.

uma alteração no modelo da sociedade. Apesar disso, até 1903, António Almeida da Costa andou sempre associado a José Joaquim Teixeira Lopes e a Feliciano Rodrigues da Rocha.



Fig. 1 – Localização do palacete de António Almeida da Costa, na parte mais elevada do complexo fabril das Devesas (Fotografia de 2003).

Numa primeira fase, o complexo industrial das Devesas, em Vila Nova de Gaia, foi uma extensão da oficina de cantarias de António Almeida da Costa, no Porto. Com o passar dos anos, a fábrica de cerâmica ganhou tal escala que a oficina de mármore acabou relegada para segundo plano. Neste contexto, sendo António Almeida da Costa já um homem abastado, terá optado por abandonar a cidade do Porto e a gestão de proximidade da oficina de mármore, passando a residir em Vila Nova de Gaia, num edifício com jardim e mirante sobre o caminho-de-ferro (fig. 2). Este edifício ainda existe, embora já amputado de alguma da sua decoração cerâmica que o tornava invulgar, apesar de não aparatoso. Foi construído de raiz ao lado da sua fábrica, a qual, a despeito de ser conhecida como de cerâmica tinha também uma secção de fundição de metais.



Fig. 2 – Casa de António Almeida da Costa, por volta de 1890, segundo um catálogo da Fábrica de Cerâmica das Devesas (gentileza de Graciano Barbosa).



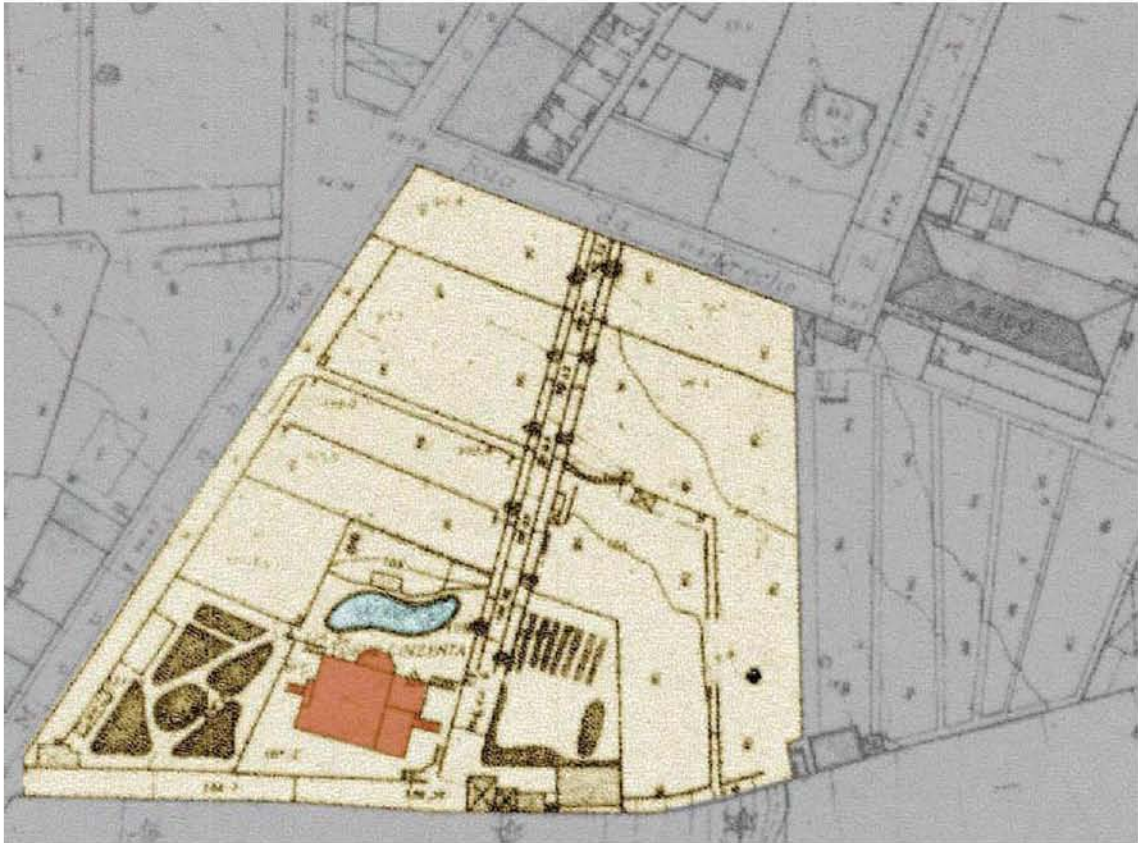


Fig. 3 – Planta de implantação do palacete de António Almeida da Costa (adaptação dos autores, com base numa planta de Vila Nova de Gaia datada de 1940, existente no Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas). De notar a indicação “torre cinzenta”, testemunhando a cor com que estaria pintado o palacete.

A boa fama dos produtos da Fábrica de Cerâmica das Devesas foi certificada pela presença em exposições nacionais e internacionais, onde obteve várias medalhas e elogios, nomeadamente uma medalha de prata na célebre Exposição Universal de Paris, em 1900. Precisamente por esta época, António Almeida da Costa promovia grandes reformas na fábrica e edifícios anexos, altura em que terá mandado construir um palacete para sua residência, sobranceiro ao complexo fabril das Devesas, o qual é o objecto deste trabalho. Sensivelmente no mesmo período, no Porto, dá-se também início à construção de um magnífico edifício neomourisco, para servir de depósito e exposição de produtos, na actual Rua José Falcão, com frente para a Rua da Conceição, para onde foi transferida a oficina de mármore – que se manteve sempre no centro da cidade, até ao seu encerramento. Os edifícios fabris nas Devesas foram igualmente reformados e ornados num gosto semelhante ao do palacete, ostentando numerosas peças cerâmicas saídas da fábrica, e funcionando como um verdadeiro mostruário ao ar livre, o que pode ser também verificado no próprio palacete de António Almeida da Costa. Até as casas do bairro operário, situado entre o dito palacete e a fábrica, foram completamente revestidas de azulejos na fachada principal, cada casa ostentando um padrão diferente.



Fig. 4 – Palacete de António Almeida da Costa, alçado norte (Fotografia de 2009).



Fig. 5 – Materiais de refugo da Fábrica de Cerâmica das Devesas no palacete de António Almeida da Costa.

## O PALACETE DE ANTÓNIO ALMEIDA DA COSTA E O SEU JARDIM

O palacete de António Almeida da Costa foi erguido num local estratégico, sobranceiro à fábrica, podendo o proprietário abarcá-la quase toda com o olhar, através do mirante. Trata-se de um edifício inspirado no revivalismo mourisco, e insere-se na já referida grande reforma estética dos edifícios da fábrica, levada a cabo na viragem para o século XX.

Embora tenha sido construído com recurso a materiais da fábrica, decorativos e não decorativos, no exterior do palacete praticamente não subsistem azulejos, salvo os de refugo, que foram usados como preenchimento da alvenaria de tijolo maciço das paredes, também ela com recurso a materiais de refugo, denotando a intenção do proprietário em obter o maior aparato com o menor custo (fig. 5). Os únicos azulejos subsistentes com função decorativa exterior, são os que envolvem o vão da portaria, articulando um friso e uma cercadura geometrizarante (fig. 6). O friso, de bordos castanhos, desenvolve continuamente elementos em S, de traços rectilíneos, a azul, intercalados por conta preta. O canto é ainda assinalado por quadrado verde e cruz amarela com centro circular negro. A cercadura, que pode ter sido usada como barra, apresenta bordo exterior negro e desenvolve diversos motivos em espinha. Um é marcado por duplo traço vermelho intercalando um branco, e definindo reserva triangular a negro preenchida por dois quadrados sobre o vértice, azuis, com cruz laranja e centro negro. Entre estes traços, surge um quadrado sobre o vértice, também de bordos vermelhos, com fundo negro e florão verde. Deste e até à outra extremidade do azulejo, observam-se paralelogramos brancos e cinza, intercalados. Por fim, uma outra linha em espinha, a vermelho, determina reservas triangulares de menores dimensões, onde se observa parte de um elemento vegetalista estilizado a azul, castanho e negro. Estes motivos apenas surgem completos no canto.





Fig. 6 – Azulejos da portaria.



Fig. 7 – Escadaria do alçado nascente.

Nas fachadas do palacete, a cerâmica está presente, mas apenas em fosco, nos elementos concebidos para uso estrutural, que aqui procuram criar efeito estético, e sobretudo nas molduras sobre os vãos em arco, nos arabescos vazados e nos espigões do telhado. No alçado norte, existe uma sacada quase toda em cerâmica, incluindo as consolas e toda a guarda, composta de peças centrais em forma de tijolo maciço, peças em arco, rodapés, testeira, cantoneira e pilares. A cerâmica está também presente nas escadas de acesso ao palacete, havendo uma no alçado nascente (fig. 7) e outra no alçado poente. Esta última é mais prolongada e, ao início, os pilares são rematados por pequenos globos (fig. 8), que se repetem, como remate, noutros locais do jardim da casa. Numa outra escada, junto ao alçado poente, o remate é um vaso de modelo clássico decorado com festões e cabeças de leão, tudo em barro fosco. Noutra escada junto ao alçado nascente e em mais platibandas de separação dentro da propriedade, as guardas são constituídas por peltas. O efeito decorativo de todas estas peças, no conjunto, é apreciável. Porém, os materiais não eram considerados nobres, reflectindo o pragmatismo do proprietário e as suas origens, que nunca foram negadas. Dada a sua fortuna e boa fama como industrial, António Almeida da Costa poderia ter recebido um título de nobreza, ou ter sido um político influente ao nível regional. Em vez disso, preferiu dedicar-se à sua empresa e, numa fase mais tardia, às rosas, que plantava junto ao seu palacete.



Fig. 8 – Remate na escadaria exterior.



De realçar o curioso castelo em miniatura, do centro do lago, em material cerâmico, e o pavimento das varandas, certamente também produção da fábrica. A varanda que faceia o lago apoia-se numa *bay window* ao nível da cozinha e copa. A torre na fachada poente corresponderá certamente às casas de banho, com o último piso, de vãos ilusionistas, correspondendo talvez ao antigo depósito de água.

Infelizmente, o prospecto do palacete encontra-se hoje prejudicado por um edifício recente, junto à entrada norte da propriedade, a qual permitia aceder ao dito palacete por uma rampa, a partir do topo norte do complexo fabril. Uma outra entrada na propriedade levava ao palacete pela cota alta, para quem vinha de sul. Em ambos os casos, as entradas não são aparatosas. A entrada norte, à cota baixa, insere-se num muro com coroaamento de influência mourisca, mas de certa simplicidade (fig. 9). A entrada sul, à cota alta, apresenta umbrais simples em granito e um portão em ferro forjado, com algumas aplicações em ferro fundido na base, de desenho típico da Fábrica de Cerâmica e Fundição das Devesas.



Fig. 9 – Entrada para a propriedade, à cota baixa.

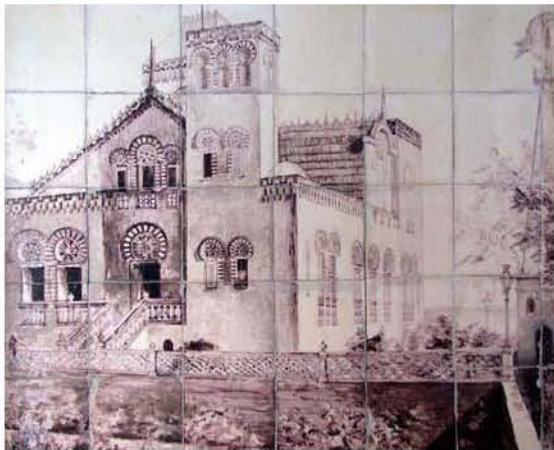
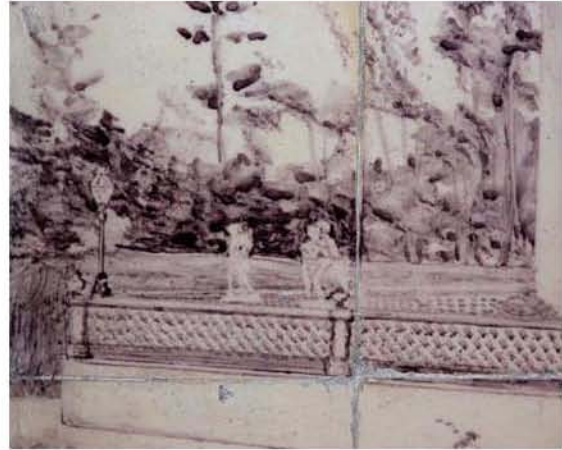
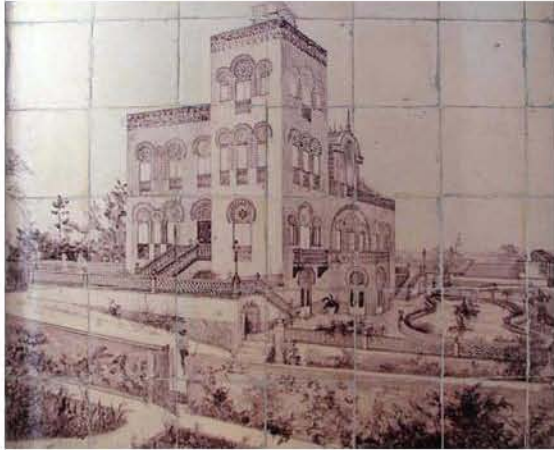
## O INTERIOR DO PALACETE

No recebimento do palacete (fig. 14), a azulejaria também não é muito presente; não mais do que em outros palacetes da época. Observam-se aqui azulejos de padrão delimitados – superior e inferiormente – por friso. O padrão principal, policromo, desenha estrelas de oito pontas circunscrevendo florão de pétalas azuis e brancas e núcleo laranja. Das pontas verticais e horizontais da estrela, projectam-se hexágonos de contorno castanho, intersectados por octógonos dispostos na horizontal e na vertical, formando uma cruz com centro em quadrado sobre o vértice preenchido por arabescos azuis mais escuros do que os que ocupam as restantes áreas desta malha. Em aplicação, prevalecem as formas hexagonais com florão a par de cruces seccionadas e grandes quadrados sobre o vértice com os cantos chanfrados e os lados em V.

O friso que o complementa, de bordos castanhos e azuis, desenvolve uma sequência de estrelas de oito pontas tangentes com centro em florão de pétalas azuis e brancas e núcleo laranja. Este padrão e cercadura encontram-se no recebimento e no corredor.

Na escada para o piso superior, o padrão de azulejo é outro, e desenha um quadrado com todos os lados em arco canopial, ao centro, de duplo contorno azul e castanho, circunscrevendo florão laranja, de núcleo azul. Os arcos azuis prolongam-se em volutas bifurcadas unidas por anel e unidas entre si, determinando uma reserva com motivo radial, laranja, castanho e azul. A cercadura, de bordos castanhos com linha de aletas semicirculares tangentes a laranja, rematadas por conta azul intercalada com outra do mesmo tom, inscreve motivo de grega a azul com sombra marcada a negro.

Na cave, antiga cozinha e copa, um outro padrão, azul e branco, desenha um reticulado diagonal de motivos florais unidos por círculos e quadrados sobre o vértice. A cercadura respectiva, de bordos azuis, desenvolve elipses abertas e unidas por quadrado sobre o vértice também aberto, numa linha contínua castanha que circunscreve florão recortado azul e negro e losangos azuis e castanhos, respectivamente (fig. 15).



Figs. 10, 11, 12 e 13 – Duas interessantes representações do palacete de António Almeida da Costa, existentes no salão do edifício do depósito e exposição de produtos da fábrica, na Rua José Falcão, permitem-nos perceber que existiu um aeromotor na parte mais alta da propriedade, assente sobre um pequeno edifício de vãos em arco quebrado, assim como estátuas e postes de iluminação em ferro fundido, junto ao palacete, certamente tudo produzido na fábrica das Devesas. Estas representações registam a existência de aspectos decorativos desaparecidos, sobretudo nas platibandas, que possuíam decoração abaixo dos actuais meandros, prolongando-se ao mesmo nível pelo alçado poente, mesmo sem coincidir esta decoração com a platibanda. De notar o arco marcado na parede, sobre os vãos que abrem para a varanda voltada ao lago, decoração essa hoje inexistente. Seguramente que o palacete teria tido uma imagem mais marcante do que actualmente tem.

Ao contrário do que seria de esperar, a decoração mais marcante do interior do palacete não é feita de azulejos, mas sim constituída por tectos policromos, em muitas das salas do piso principal, inspirados em modelos artesoados mouriscos. Não pudemos, contudo, apurar se as cores que hoje se vêem correspondem às cores originais. De qualquer modo, seriam certamente cores efusivas, a julgar por aquelas que existiram no salão do edifício do depósito, na Rua José Falcão (no Porto), também no mesmo gosto mourisco, embora de diferente tipologia.



Um dos tectos do piso principal, ou andar nobre, tem hoje tons predominantemente castanhos e é irradiante, de tipo artesoadado (fig. 16). Outro tecto, apresenta actualmente tons de rosa, castanho, ocre e branco, sendo também irradiante, e de certa complexidade, com filas de quadrados e rectângulos, unidos, como elementos mais marcantes da composição (fig. 17).



Fig. 14 – Silhares de azulejo no recebimento (Fotografia de 2009).



Fig. 15 – Azulejos na cave.



Fig. 16 – Tecto de uma das salas (Fotografia de 2009).



Fig. 17 – Tecto de outra das salas (Fotografia de 2009).





Fig. 18 – Detalhe do tecto de uma outra sala (Fotografia de 2009).



Fig. 19 – Detalhe do tecto do recebimento (Fotografia de 2009).



Fig. 20 – Detalhe do tecto do corredor do andar nobre (Fotografia de 2009).

Outro tecto, com cores semelhantes e também no andar nobre, apresenta enlaçados e reservas, nas quais existem motivos vegetalistas. No recebimento, além de motivos mouriscos, o tecto exhibe rosáceas, ao passo que o tecto do corredor do andar nobre é de motivos vegetalistas e composição curva. Ambos estão hoje pintados em tons de castanho e ocre. As sancas, quer dos tectos das salas principais, quer do recebimento e do corredor do andar nobre, apesar da inspiração mourisca, lembram igualmente o gosto Arte Nova, sendo claramente um exemplo da estética romântica de fim de linha.

Dentro do gosto romântico, refira-se as maçanetas da porta com monograma, o qual repete-se nos fixadores da peça e madeira com a maçaneta (fig. 21). Um outro aspecto interessante e invulgar, são os vãos em ferradura com caixilharia em ferro fundido de desenho mourisco e vidros coloridos, os quais ainda hoje permitem obter muitas nuances de cor, consoante a hora do dia.

A escada de acesso ao mirante do torreão do palacete é em ferro, e de caracol. Sabemos que o mirante tinha no topo uma estrutura (fig. 10), entretanto retirada, que permitia ver o complexo fabril ainda numa posição mais elevada. Este mirante, pelo modo como assenta num volume elevado,

leva-nos a questionar se não estamos perante uma reminiscência da torre da casa nobre portuguesa, como forma de prestigiar o prospecto do edifício e afirmar a sua imagem de poder.



Fig. 21 – Detalhe de uma das portas.



Fig. 22 – Detalhe de uma das bandeiras de vão do palacete.



Fig. 23 – Escada de acesso ao mirante do palacete.



Fig. 24 – Vista do complexo fabril, a partir do torreão (Fotografia de 2009).





Fig. 25 – Um dos móveis que pertenceu ao palacete de António Almeida da Costa, em faiança e mármore (Fotografia de 2009).

## O MOBILIÁRIO DO PALACETE

Tendo funcionado como jardim de infância nos finais do século XX, e estando devoluto nos últimos anos, este palacete praticamente não possui mobiliário da época de António Almeida da Costa. Não conhecemos fotos do interior do palacete, na época em que este ali viveu. Porém, sabemos que possuía peças de mobiliário excepcionais e, mais uma vez, não tanto com recurso a materiais nobres, mas sim ao que de mais requintado e difícil pudesse ser fabricado em cerâmica.

No núcleo museológico da Misericórdia de Gaia, existem três móveis invulgares que pertenceram ao palacete de António Almeida da Costa. Um deles, de sala de jantar, possui aplicações metálicas e em mármore rosa, sendo aquelas de motivos vegetalistas, um dos quais repetindo-se no bloco inferior, inscrevendo vitualhas. Este motivo é o mesmo da base do portão da entrada na propriedade, à cota alta.

Os outros dois móveis existentes no mencionado núcleo museológico, apesar de terem uma estrutura de madeira, esta não é visível, pois sobrepõem-se-lhe placas cerâmicas relevadas, em tom ocre, fixadas à madeira a partir de orifícios. Estas peças de faiança são baseadas em formulários barrocos, com complexos enrolamentos, *feronneries*, e garras nos pés, apoiadas em esferas abauladas. Em ambos os casos, os tampos são em mármore. Uma das mesas servia de lavatório, e a outra de aparador. Todas estas peças de mobiliário são altamente originais e de complexa execução, demonstrando bem o grau de excelência que a Fábrica de Cerâmica das Devesas atingiu.





Fig. 27 – Alçado sul do palacete (Fotografia de 2009).

## CONCLUSÃO

Tratando-se de um edifício da viragem do século XIX para o século XX, para habitação de um empreendedor que começou a sua vida como trabalhador de ornato em pedra e depois fez fortuna à custa do investimento na indústria de cerâmica e fundição, e no fornecimento de materiais de construção, o palacete onde passou os últimos anos da sua vida é uma casa faustosa, das mais faustosas construídas na sua época. Nesse sentido, enquadra-se na tipologia da casa nobre, apesar de assumir soluções que contrariam a tradição portuguesa do palácio ou do solar.

Os modelos tradicionais da casa nobre apenas em parte foram adoptados, nomeadamente na implantação altaneira; ainda que isso tivesse sido contingência da intenção de localizar o palacete junto ao complexo fabril do encomendador. O posicionamento do edifício e o modo como incorpora o mirante, sugere uma clara imagem de domínio e, eventualmente, até uma evocação das torres medievais, que tanto persistiram nas casas nobres portuguesas.

A decoração interior, nomeadamente nos estuques, equipara-se, em aparato, ao que então de melhor se fazia em Portugal. Porém, aqui o exotismo é uma marca mais evidente. Dir-se-ia que por ser um novo-rico. Porém, a verdade é que o próprio gosto da época, e a necessidade de usar o palacete também como meio de promoção da Fábrica de Cerâmica e Fundição das Devesas, convergiram para a adopção do gosto revivalista mourisco, o mesmo com que foram renovados os edifícios da fábrica. Realce-se que o palacete figura como parte do conjunto de painéis do salão nobre do edifício de depósito e exposição de produtos, na actual Rua José Falcão, no Porto, sendo os outros painéis referentes a cenas mouriscas e não representando sequer qualquer vista da fábrica.

Nesta época de viragem para o século XX, o recurso à casa de habitação como forma de emulação, passava já por novas soluções arquitectónicas. Também por isso, o palacete de António Almeida da Costa foi um edifício marcante, paradigma de novas elites, industriais, que há algum tempo se afirmavam e que, no Porto, iriam ter como exemplo paradigmático, uns anos mais tarde, a Casa de Serralves.

No palacete de António Almeida da Costa, vemos um pendor decorativo muito baseado na cerâmica, por razões óbvias, mas certos detalhes são propositadamente concebidos. E se António Almeida da Costa não possuía brasão de armas, embora o pudesse ter tido, sendo a tradição oral consonante com a ideia de que ele não quis receber um título de nobreza, temos nas portas os monogramas, tão típicos do período romântico. Curiosamente, aqui, e a julgar pelo que subsistiu, o monograma não surge ostensivamente à entrada da propriedade, mas sim nas maçanetas das portas – sinal de requinte, indício de como o modo de atribuir nobreza a uma casa tinha-se alterado irremediavelmente. É claro que havia três monogramas em cada lado das portas – um manifesto exagero, não fosse a casa de alguém nascido em berço humilde e que, mesmo sem ter sido um titular, foi um verdadeiro barão da indústria cerâmica.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

- Catalogo da Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas [título atribuído]. S.l., s.n., s.d. [c. 1890-1898].
- Catalogo da Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas. António Almeida da Costa & Ca., Vila Nova de Gaya, Portugal.* Vila Nova de Gaia: Real Typ. Lith. Lusitana, 1910.
- DOMINGUES, Ana Margarida Portela – *António Almeida da Costa e a Fábrica de Cerâmica das Devesas. Antecedentes, fundação e maturação de um complexo de artes industriais (1858-1888)*, 2 vols. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2003.
- PORTELA, Ana Margarida; QUEIROZ, Francisco – *A Fábrica das Devesas e o Património Industrial Cerâmico de Vila Nova de Gaia*. Famalicão, 2008 (separata de *Arqueologia Industrial*, 4.ª Série, IV (1-2), 47 páginas.
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira – “Aspectos históricos e decorativos dos edifícios portuenses da Fábrica de Cerâmica das Devesas”. In *Actas do II Congresso “O Porto Romântico”*, Porto: Escola das Artes da Universidade Católica, 11-12 de Abril de 2014.
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os catálogos da Fábrica das Devesas*. Lisboa: Chiado Editora, 2016.
- QUEIROZ, Francisco – “Um virtuoso do mármore. Outras notas para uma biografia de António Almeida da Costa (1832-1915)”. In *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, 7 (44), Dezembro de 1997, pp. 49-54.